

ANTECEDENTES DO REALISMO EM PORTUGAL

META

Apresentar os fatos sócio-culturais e históricos que precederam e culminaram com o Realismo em Portugal.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

conhecer os fenômenos sócio-culturais e históricos que antecederam e deram feição à estética realista em Portugal;

caracterizar as principais correntes de pensamento que influenciaram o Realismo-Naturalismo;

entender a importância da Questão Coimbrã para o início e definição do Realismo português.

PRÉ-REQUISITOS

Informações sobre as principais doutrinas (positivismo, determinismo, evolucionismo, socialismo) que surgiram na segunda metade do século XIX na Europa.

Leitura das lições sobre o Romantismo na Europa e em Portugal.



(Fontes: <http://www.portalsaofrancisco.com.br>)

INTRODUÇÃO

Caro aluno,

As aulas anteriores versaram sobre o Romantismo português e, conforme você observou, além de uma escola muito produtiva, tanto na poesia quanto na prosa, foi inovadora em vários aspectos, dentre eles podemos destacar a recusa das imposições clássicas, a redescoberta da natureza, a valorização da tradição medieval e do folclore, a temática nacional.

No plano formal, também, algo de muito importante ocorreu, contrariando um princípio clássico: a mistura de gêneros e o desenvolvimento de um novo gênero literário em prosa, o romance, que se ampliou e se arraigou rapidamente enquanto gênero destinado a seduzir do leitor burguês e, paralelamente, a representar de forma artística o mundo em que vivia este leitor, tornando-se cenário do aparecimento, da maturação e do declínio dos valores burgueses.

Mas, enquanto na primeira metade do século XIX a idéia de liberdade gerada pela Revolução Francesa significou pedra angular para o desencadeamento de uma revolução literária a que chamamos Romantismo - a literatura como expressão do eu, da subjetividade, do sentimento, da imaginação criadora, do sonho, da fantasia -, na segunda metade deste mesmo século, houve uma espécie de “crise”, de cansaço em relação aos estilos românticos. É isso que sempre ocorre na transição entre o velho e o novo, como



Bonjour, Monsier Coubert, Gustave Coubert, 1854.

você já viram antes (na passagem do Barroco para o Arcadismo).

No movimento do Romantismo para o Realismo, além das razões mencionadas e que, de modo geral, sempre agem quando um estilo é substituído por outro, o romance continuou como gênero utilizado, mas, agora, voltado para a observação da realidade.

O Realismo, como estilo literário da segunda metade do século XIX caracterizou-se, até mesmo no plano poético, pelo exame da sociedade e pelo intento de transformá-la. A postura do realista, diferentemente da do artista romântico, implicou racionalidade, reflexão e objetividade ante o objeto

analisado, opondo-se, portanto, ao subjetivismo e

ao escapismo tão cultivados no ultrarromantismo.

ATIVIDADES

Procure pesquisar em livros de História Geral, ou mesmo nas páginas da web, sobre a segunda fase da Revolução Industrial. Quando ocorreu e o que a caracterizou? Como ela influenciou os tempos atuais?



ORIGENS DO REALISMO

Após o esgotamento das fontes do Romantismo, desenvolve-se o Realismo, cuja proposta é apresentar uma visão objetiva e crítica da sociedade. O autor realista, tal como um cientista, busca a precisão dos fatos, a verdade do momento histórico, a clareza do estilo, criticando o escapismo, o exacerbamento das ilusões e da fantasia tão cultivados no Romantismo.

Segundo Moisés (1999, p. 163), “Ressalvado o caso das notas objetivas encontráveis nos romances de Júlio Dinis, e que devem pôr-se na conta de influência inglesa e de outras causas pessoais, o Realismo é de origem francesa”. Para o autor, as ficções dos escritores Balzac e Stendhal já apresentavam atitudes anti-românticas, mas as primeiras amostras relevantes do Romantismo datam de 1850 e 1853, quando Gustave Courbet, pintor francês, expôs duas de suas célebres telas realistas: *Enterro em Ornans* e *As Banhistas*. Nelas, ele procurou “traduzir os costumes, as idéias, os aspectos de sua época”. Considerou Courbet que o *Enterro em Ornans* foi o enterro do Romantismo. Sabe-se que as mudanças não acontecem apenas no plano da Literatura, mas de todas as demais artes. Outros artistas e escritores também se somaram ao pintor, manifestando pontos de vista semelhantes, na tentativa de fazer vingar as idéias que se gestavam e que culminariam com a estética realista.

No entanto, podemos dizer que só com o romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, o Realismo se impõe definitivamente na França. Publicado em 1857, esta obra inaugura o novo estilo. Ao narrar a história do adultério cometido por Emma, madame Bovary, este livro gera escândalos e controvérsias, mostrando as conseqüências doentias do comportamento romanesco de uma mulher que se suicida ao ver suas ilusões fracassadas. O romance faz uma crítica impiedosa e acertada da hipocrisia romântica e burguesa.

Na verdade, Flaubert não censura apenas a fantasia feminina, mas investe contra a “moral burguesa” através de uma de suas instituições mais sólidas: o casamento. Por meio da literatura, ele procura propagar as ideias e condições de vida decorrentes do progresso científico e industrial do século XIX. A literatura realista nasce, portanto, empenhada com uma postura crítica em relação às instituições burguesas, e, em particular, à deterioração das condições de vida da classe social emergente, o proletariado, que esteia e mantém, pelo trabalho, tais instituições. E o faz utilizando uma linguagem contida, objetiva e clara, que dispensa os floreios românticos.

O predomínio da razão sobre a emoção, principal característica desse



estilo literário, é fortemente influenciado pelo racionalismo da segunda metade do século XIX, responsável pelo surgimento de novas posturas filosóficas, de novos métodos científicos, da ênfase nas ciências naturais, sobretudo na biologia.

Segundo Nicola (2000, p.152), “o Realismo tem de ser analisado a partir de um novo ponto de referência: a Europa vive a segunda fase da Revolução Industrial, ao mesmo tempo em que presencia o desenvolvimento do pensamento científico e das doutrinas filosóficas e sociais”.

Madame Bovary, Gustave Flaubert, 1857.

PRINCIPAIS CORRENTES QUE INFLUENCIARAM O REALISMO

A literatura realista tinha como projeto a análise e a denúncia dos fatos observados. Ao contrário do Romantismo, vai procurar mostrar a vida como ela é, despida de sonhos e idealizações. Demonstra grande fascínio pelos resultados da ciência experimental, tomando-os como fundamentos de suas obras.

Algumas correntes, no campo científico-filosófico, exerceram considerável influência sobre este movimento literário que refletiu uma postura cientificista e materialista. Também foi natural o interesse dos realistas por princípios filosóficos pessimistas, como o de *Schopenhauer*, o de *Hipólito Taine* ou o de *Augusto Comte*.

Schopenhauer considerava que o homem estava condenado à eterna insatisfação e sofrimento. Seu pessimismo influenciou grandes poetas realistas, a exemplo de Antero de Quental. *Taine*, por sua vez, entendia que todo homem seria determinado por três leis que atuavam como um fatalismo: a raça, o meio ambiente e o momento histórico. Tais leis o afetariam, de alguma forma, tornando-o um produto, uma determinação social e psíquica. *Augusto Comte* foi o pai do *positivismo*, doutrina que deu destaque à experimentação e à observação científica.

[...] Comte defende a importância fundamental da Ciência para a vida do homem em sociedade, para tanto, propugna pelo abandono da Teologia e da Metafísica em favor de uma atitude voltada para ao conhecimento “positivo” da realidade, isto é, concreto, objetivo, passível de análise e experimentação, de forma que, com base no bom senso, se procure saber o “como” das coisas em vez do porquê. (MOISÉS, 1999, p. 164)

Darwin, com sua obra *A origem das espécies* provoca uma revolução no âmbito das ciências, em especial, as biológicas; e *Claude Bernard*, com seu livro *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*, exerce influência sobre o romancista francês *Émile Zola*, autor de romances de tese como *Germinal* e *a Besta Humana*.

Seja a opção pelos “fatos positivos”, isto é, pelos fatos explicáveis pela ciência, como os únicos a serem considerados (*Augusto Comte*), seja o determinismo histórico e geográfico, segundo o qual meio, raça e momento histórico são os três fatores determinantes dos fenômenos que ocorrem (*Hipólito Taine*), seja o evolucionismo que propugna a seleção natural (*Darwin*) – todas essas teorias têm um fundo materialista.

O mesmo sucede com o socialismo utópico de *Phroudon* e o socialismo científico de *Marx e Engels* – ambos inovadores, na medida em que apregoam o ponto de vista da classe operária e, além disso, edificam os fundamentos de um novo sistema social, que deverá ocupar o lugar do sistema burguês: o socialismo.

Todo esse conjunto de doutrinas e tendências científico-filosóficas compõem o quadro de conhecimentos e saberes que deram sustentação aos princípios do Realismo e Naturalismo.

O REALISMO EM PORTUGAL

Caro aluno, para melhor se compreender o Realismo português, há a necessidade de remontar à segunda metade do século XIX em Portugal, especificamente em Coimbra, onde acontece uma rebeldia por parte das novas gerações.

No início da década de 1860, a massa estudantil, constituída por alunos da Universidade de Coimbra, entusiasmada com as novas idéias de vanguarda que se espalham por toda a Europa, começa a agitar-se e a censurar as idéias passadistas, tomando algumas atitudes bastante radicais, como o rapto do então Reitor Basílio Alberto, obrigando-o a demitir-se. Encabeçando a turma insurgente, “Antero de Quental funda a Sociedade do Raio, associação secreta que congrega cerca de duzentos estudantes das faculdades de Coimbra, com o objetivo de instaurar a aventura, a anarquia, a insubordinação no âmbito do convencionalismo acadêmico” (MOISÉS, 1999, p. 157).

Este movimento desemboca na chamada *Questão Coimbrã*, primeiro sinal

de renovação ideológica daquele momento entre os que advogavam a favor do statu quo. Por volta de 1665, Portugal tinha dois núcleos culturais: Um formado por um grupo de jovens escritores estudantes de Coimbra, adeptos das novas idéias, liderados pela ação renovadora de Antero de Quental, que sonhavam com um Portugal diferente, com uma sociedade receptiva à transformação. Outro conservador, apegado ao passado, ao sentimento da herança histórica portuguesa, liderado por Antônio Feliciano de Castilho, em que o academicismo e o formalismo predominavam, rejeitando, por isso, tentativas de mudanças no cenário cultural.

Castilho, último sobrevivente do Romantismo, pela morte de Garret, pelo afastamento de Herculano e pela insularidade de Camilo, representava uma espécie de oráculo para os poetas extemporaneamente afeiçoados ao sentimentalismo e ao verbalismo da primeira metade do século XIX. Era inevitável o encontro sangrento entre a mentalidade ultrapassada e a nova visão das coisas a se impor com violência e rudeza, graças a um grupo de jovens que ocupam os bancos da Universidade de Coimbra entre 1858 e 1865. Constituindo-se a primeira grande geração de escritores portugueses conduzida por único ideal de vida, a única geração no sentido rigoroso do termo, cresceu sob o influxo de formas civilizacionais de vanguarda, aquelas que agitavam a Europa do tempo: Evolucionismo, Socialismo, Positivismo... Como sempre o espírito velho a querer manter-se vivo, e o novo a fazer-se presente de modo impávido, briguento, revoltado. (MOISÉS, (1970, p. 139).

Padrinho oficial de escritores românticos mais novos, como Tomás Ribeiro e Pinheiro Chagas, Castilho, ao ser solicitado a escrever o posfácio do livro *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas, aproveitou a ocasião para, utilizando uma Carta ao Editor Antônio Maria Pereira, censurar o grupo de jovens de Coimbra, acusando-os de ostentação, de obscuridade intencional e de eger temas que considerava desprovidos de poesia. Incriminava-os, também, de falta de bom senso e de bom gosto. Os escritores a que fazia alusão eram Teófilo Braga, autor dos poemas *Visão dos Tempos* e *Tempestades Sonoras*; Antero de Quental, que então publicara *Odes Modernas* (aos quais alcunha de “moços de Coimbra”) e um escritor em prosa, Vieira de Castro, o único que Castilho destacava.

Antero de Quental, líder do grupo a que Castilho tece críticas, revida as alusões que lhe são feitas por Castilho através de um opúsculo que recebe o título de “Bom senso e bom gosto”. Nele, defende a autonomia dos jovens escritores; fala sobre a relevância da missão dos poetas da época, a quem cabia promover grandes mudanças no cenário e na cultura portuguesa (inferiorizada diante dos progressos da cultura europeia) e, também, da necessidade de eles serem defensores das grandes questões ideológicas

da atualidade. Por fim, ridiculariza a futilidade da poesia de Castilho. O desagravo, assim, termina:

Levanto quando os cabelos brancos de V. Ex^a passam diante de mim. Mas o travesso cérebro que está debaixo e as garridas e pequeninas coisas que saem dele, confesso não merecerem nem admiração, nem respeito, nem ainda estima. A futilidade num velho desgosta-me tanto como a gravidade numa criança. V. Ex^a precisa menos cinquenta anos de idade, ou então mais cinquenta anos de reflexão (MOISÉS, 1999, p.159).

Dessa resposta irreverente, resultou uma violenta polêmica que serviu como divisor de águas entre o Romantismo e o Realismo. Seguiram-se protestos e intervenções de uma parte e de outra, em que a questão maior levantada por Antero ficou esquecida. Provocou grande tumulto o tom “desrespeitoso” com que Antero se dirigiu aos cabelos brancos do velho escritor, e a referência de Teófilo à cegueira dele.

De acordo com Cereja e Magalhães (1997, p. 120):

Para Antero, a agressão sofrida não se limitava estritamente ao plano literário ou pessoal; era, na verdade, uma reação do velho contra o novo, do conservadorismo contra o progresso, da literatura de salão contra a literatura viva e atuante exigida pelos novos tempos. Antero desejava modernizar o país, colocando-o de lado das nações européias mais desenvolvidas.

A Questão Coimbrã estendeu-se por todo o semestre de 1865, entre polêmicas e publicações de ambos os lados, definindo-se, então, o conflito cultural que introduz o Realismo português. Embora os moços se afigurassem como vitoriosos, era necessário retomar e redobrar a luta para consolidar suas posturas. A derrota de Castilho simbolizava os últimos momentos do Romantismo.

Participaram da Questão Coimbrã, além dos autores já citados, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão e Pinheiro Chagas. Embora Eça de Queirós fizesse parte do grupo de Coimbra, não interferiu nas discussões.

CONFERÊNCIAS DEMOCRÁTICAS

Ainda que nos últimos anos da década de 1860 em Portugal tenham ocorrido muitas agitações de ordem política, social e cultural, as consequências só tiveram maior visibilidade na década de 1870, quando Antero de Quental (que estivera na França, na América e na ilha de São Miguel) volta e se reencontra em Lisboa com o grupo de amigos, passando então a promover estudos e debates com a iniciativa ambiciosa de realizar as Con-

ferências Democráticas no Cassino Lisbonense, com o objetivo de reformar a sociedade portuguesa. Delas, participou, com destaque, Eça de Queirós, muito embora não tenha se envolvido, antes, com a Questão Coimbrã.

Realizadas no Cassino Lisbonense, essas conferências representaram a consolidação do movimento realista português, iniciado com a Questão Coimbrã. Consistiram na retomada das ideias antes defendidas por Antero de Quental, só que, dessa vez, tinham uma conotação mais política que literária. Em edição de 18 de maio de 1871, do jornal *Revolução* de setembro, constava o programa das conferências:

Abrir uma tribuna onde tenham voz as idéias e os trabalhos que caracterizam esse movimento do século, preocupando-nos sobretudo com a transformação social, moral e política dos povos;
Ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada;
Procurar adquirir a consciência dos fatos que nos rodeiam na Europa;
Agitar na opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Ciência moderna;
Estudar as condições da transformação política, econômica e religiosa da sociedade portuguesa;
Tal é o fim das Conferências Democráticas.

Dando início à série de palestras em 22 de maio de 1871, Antero de Quental profere “O Espírito das Conferências”, e dá continuidade em 27 de maio com a segunda conferência “Causas da Decadência dos povos peninsulares”. Nelas, avalia as graves questões sociais da época e expõe as razões que teriam levado o povo ibérico à decadência.

Outras se sucederam, abordando temas diversos, tais como “A Literatura Portuguesa”, de Augusto Seromenho; “A Literatura Nova (O Realismo como Nova Expressão da Arte)”, de Eça de Queirós; “A Questão do Ensino”, por Adolfo Coelho. A sexta conferência seria proferida por Salomão Sáraga, e tinha o intuito de levantar questões de ordem religiosa, mas não se realizou. As conferências foram suspensas, “acoimadas de exporem e sustentarem “doutrinas e proposições que atacam a religião e as instituições políticas do Estado” (MOISÈS, 1999 p.161). Todas elas faziam fortes críticas ao que era estabelecido em Portugal, sobretudo ao conservadorismo, ao Romantismo, ao Catolicismo, e apontavam novos caminhos, apoiados em teorias que pregavam a revolução na política, na ciência e na vida social.

Embora as Conferências visassem criar um clima propício à discussão dos principais problemas da cultura portuguesa e divulgar novas perspectivas para Portugal, que exigiam mudanças não apenas nos métodos de educação e veiculação do conhecimento, mas em demandas de ordem política e social, provocaram escândalo e agitações, sendo, por isso, suspensas pelas autoridades. No entanto, o espírito que as animou, caracterizado pela inovação,

pela ousadia, pela possibilidade de transformar os padrões estabelecidos, não esvaneceu, ao contrário, ganhou força e atraiu uma legião de simpatizantes, de forma que o ano de 1871 marca a vitória das ideias realistas em Portugal, solidificadas em 1875 com a publicação do livro “O Crime do Padre Amaro, de Eça de Queirós.

Esse contexto sócio-político favoreceu o desenvolvimento das doutrinas realistas e naturalistas, e, em decorrência, a produção escrita, cujo objetivo era experimentá-las e realizá-las no plano artístico.

E o que diferencia o Realismo do Naturalismo?

O Realismo observa e analisa a realidade, descrevendo costumes, relações sociais, conflitos interiores do ser humano, crise das instituições (Estado, Igreja, família, casamento), etc. O Naturalismo, por sua vez, não só observa e analisa a realidade, mas também documenta-a e diseca-a sob uma ótica rigorosamente científica a partir das teorias que circulavam na época. (Cereja 1997, p. 117).

Na maioria das vezes, ambas as tendências aparecem juntas, inter-relacionadas, como se uma completasse a outra. Todavia há obras em que uma ou outra se sobressai, justificando a designação Realista ou Naturalista.

Tanto na poesia quanto na prosa, houve a intenção de produzir algo novo, em consonância com o espírito das inovações filosófico-científicas, e excelentes poetas e escritores surgiram, conforme veremos.

Em Portugal, no entanto, o Realismo teve maior evidência do que o Naturalismo, destacando-se, sobretudo na prosa de Eça de Queirós.

CONCLUSÃO

Conforme vimos, o estilo realista, diferentemente do romântico, fundamentou-se na racionalidade, na ponderação e na objetividade ante o objeto analisado, no caso, a sociedade portuguesa. Contrapôs-se, portanto, ao estilo romântico, que cultivava o egocentrismo, o subjetivismo, o sentimentalismo e o escapismo.

O Realismo, como literatura, teve como proposta básica apresentar uma visão crítica e objetiva da realidade, trazendo à cena pessoas comuns, com problemas e limitações de toda espécie. Em Portugal, o movimento não se limitou a uma renovação das formas de expressão literárias (linguagem, temas, visão de mundo, etc.), foi muito além, pois criticou duramente a sociedade portuguesa, com seus valores e instituições decadentes e, também, apresentou um projeto de mudança da mentalidade romântico-cristã em que estava mergulhado o país na tentativa de levá-lo à modernidade, através do contato com as novas idéias filosóficas e científicas que circulavam em toda a Europa.

Os escritores realistas, portanto, além de visar a representação exata e objetiva da realidade, tinham a pretensão de reformar as instituições sociais, o clero e a já enfraquecida monarquia.

RESUMO

O Realismo foi um estilo literário da segunda metade do século XIX, caracterizado, até mesmo no nível poético, pela crítica à sociedade e pela intenção de transformá-la. Algumas correntes do campo científico-filosófico, tais como o positivismo, de Augusto Comte), o socialismo científico, de Marx e Engels e o evolucionismo, de Darwin, o determinismo, de Hipólito Taine, exerceram considerável influência sobre este movimento literário que refletiu uma postura cientificista e materialista. Também foi natural o interesse dos realistas por princípios filosóficos pessimistas, como o de Schopenhauer, e, ainda, as pesquisas no campo da Física, da Química, da Biologia e da Medicina.

Em Portugal, este movimento desembocou na chamada Questão Coimbrã, em que se debateram dois núcleos culturais: um formado por um grupo de jovens escritores, estudantes de Coimbra, adeptos das novas idéias e liderados pela ação renovadora de Antero de Quental, que sonhavam com um Portugal diferente, com uma sociedade receptiva à transformação. Outro conservador, apegado ao passado, ao sentimento da herança histórica portuguesa, liderado por Antônio Feliciano de Castilho, em que o academicismo e o formalismo predominavam, rejeitando, por isso, as inovações no campo científico e literário. Embora sofrendo muita resistência da sociedade como um todo, o grupo dos jovens de Coimbra triunfou e as idéias realistas saíram vitoriosas.



ATIVIDADES

1. Pesquise e faça um resumo das principais correntes de pensamento que influenciaram o Realismo-Naturalismo e suas características mais relevantes.
2. Quais as propostas centrais do Realismo em Portugal? Como se verifica, nas pretensões dos envolvidos na Questão Coimbrã, a presença das teorias filosóficas ou científicas?

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADE**

Procure pesquisar em artigos e obras publicadas (livros de História, de Literatura, Enciclopédias, revistas especializadas) ou na Internet. Sempre é bom ter um olhar crítico, ler através da opacidade dos textos, tanto para melhor compreendê-los, com para aproximar-se o mais possível do real.

PRÓXIMA AULA

Na aula seguinte, estudaremos o Realismo na poesia em Portugal. Será que os poetas realistas participaram da Questão Coimbrã? Será que conseguiram interferir na sociedade portuguesa?

Procuraremos falar sobre essas questões e conhecer os poetas que mais se destacaram, suas propostas e peculiaridades.

**AUTOAVALIAÇÃO**

Ao término da aula, o que realmente aprendi da matéria abordada? Quais os pontos claros e quais os obscuros, ou seja, os que precisam de mais estudos, ou de maior aprofundamento? Sou capaz de relacionar o que alcancei, fixei? O que me falta entender e aprofundar?



REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.
- MOISÈS, MASSAUD. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1999
- _____. **A literatura portuguesa através de textos**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. **Presença da literatura portuguesa III**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. Porto: Ed. Porto, 1976.
- _____. **Iniciação à Literatura Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Amália Cochar. **Panorama da literatura Portuguesa**. São Paulo: Atual, 1997.
- PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura brasileira**. São Paulo: Scipione, 1989.
- SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 14 ed. Porto: Porto Editora.